

# Textos literários e salas de aula: lugares de mulheres que escrevem sobre si\*

Thais Surian

Eliane Aparecida Bacocina

Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo

**Resumo:** Este artigo apresenta um diálogo entre duas pesquisas que visam conhecer a existência de práticas efetivas e disseminadas de escrita de mulheres. Buscamos essas mulheres que escrevem sobre si e a sua condição em salas de aula de educação de jovens e adultos e na obra literária

*Thais Surian.* UNESP – Rio Claro. Graduada em Pedagogia pela UNESP Rio Claro e Mestranda em Educação na UNESP Rio Claro na Linha de Pesquisa Linguagens: práticas culturais e formação. Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa Linguagens, Experiência e Formação (CNPq). Bolsista CAPES. E-mail: thaissurian@yahoo.com.br

*Eliane Aparecida Bacocina.* UNESP – Rio Claro. Graduada em Pedagogia, Especialista em Alfabetização e Mestre em Educação pelo Instituto de Biociências – UNESP – Rio Claro; professora no curso de Pedagogia da FALS – Faculdade do Litoral Sul Paulista e Coordenadora Pedagógica na rede municipal de ensino de Cordeirópolis/SP onde atua como professora desde 1998, tendo atuado dois anos na Educação de Jovens e Adultos. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa Linguagens, Experiência e Formação (CNPq); Linha de Pesquisa Linguagens: práticas culturais e formação. Foi bolsista Capes/Proap e Fapesp (processo 05/53657-0). E-mail: eliatbc@uol.com.br

*Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo.* UNESP – Rio Claro. Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2000); Pós-Doutorado pela Universidad de Barcelona, Espanha (2008); Professora Assistente Doutora da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus Rio Claro/SP e coordenadora do PEJA: Práticas e Desafios da Unesp – Campus de Rio Claro/SP. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa Linguagens, Experiência e Formação (CNPq). E-mail: mrcamargo@superig.com.br

Texto recebido: 14/11/2009. Texto aprovado: 12/05/2009.

\* Este artigo traz uma visão ampliada de trabalho apresentado no II CIPA – Congresso Internacional sobre Pesquisa (auto) Biográfica, promovido pela UNEB e realizado em setembro de 2006 em Salvador/BA.

Quarto de Despejo. Fundamentamos tal discussão em autores da história cultural.

**Palavras-chave:** Práticas de Escrita. Escrita de Mulheres. História Cultural.

**Abstract:** This article presents a dialogue between two researches that aim to know the existence of effective and spread practice of writing, by women. We looked for such women, who write about themselves and their condition, in both classrooms of Young and Adult Education and in the literary composition "Quarto de Despejo". The discussion we bring is based on authors of cultural history.

**Keywords:** Practice of writing. Writing of Women. Cultural History.

(...) Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes são brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. (...) As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários.<sup>1</sup>

Lá no cantinho do Estado Bahia tive uma infância muito sofrida.

Tinha dia que eu não tinha o que comer.

A vida é muito boa porque Deus deu ela pra gente

Porque Deus quis assim.

Sem ele não existia a vida.

Porque a vida é muito boa eu tive tristeza e alegria.

Tive tristeza porque perdi três irmãos sem nenhum recurso de ir aos médicos.

Depois de adulta eu tive conhecimento das coisas que eu não sabia e não entendia.

Agradeço a Deus por ter me dado a vida.<sup>2</sup>

As duas citações que abrem este artigo e revelam experiências de vida, leitura e escrita são narradas por mulheres, cujas vozes, apesar de silenciadas por tanto tempo, se fazem ouvir. Elas são encontradas em pesquisas realizadas na graduação e pós-graduação em Educação da UNESP de Rio Claro, que se

<sup>1</sup> JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2001. p.52.

<sup>2</sup> Texto produzido por Raimunda (ao digitarmos o texto procuramos ser fieis à escrita da aluna), nome fictício de participante de pesquisa de pós-graduação. Todos os nomes presentes neste artigo são fictícios. Procedeu-se a uma codificação e, em seguida, nomes foram inventados.

propõem levantar e trazer para a discussão o que dizem sobre a condição da mulher, mulheres que escrevem. Uma delas constituiu-se de Trabalho de Conclusão de Curso, no curso de Licenciatura em Pedagogia, no qual, a partir da leitura da obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, e em entrevista realizada com uma mulher da Educação de Jovens e Adultos abre espaço para dizer sobre a condição de ser mulher. Outra, de dissertação de Mestrado, na qual investigou-se os saberes de educandos e educadores que freqüentam e atuam na EJA, tendo como mediadora a arte como objeto de leitura. As presentes propostas vinculam-se ao projeto de pesquisa intitulado *Leitura, escrita, ensino: a arte de ser professor/professora que tem como objetivos rastrear, registrar e analisar práticas de leitura e escrita que são postas em ação por sujeitos em classes de jovens e adultos, em estágios iniciais dos conteúdos escolarizados*. Tal projeto foi construído no âmbito dos trabalhos que vêm sendo desenvolvidos por um grupo composto por estudantes de graduação e pós-graduação em Educação. Trata-se de um trabalho de ação educativa, juntamente com o PEJA – Projeto de Extensão de Educação de Jovens e Adultos: práticas e desafios, da UNESP, desenvolvido com jovens e adultos, que ficaram à margem da escolarização formal, na idade regular.

Compõem essas classes, sujeitos que têm pouco domínio da utilização da língua, na modalidade escrita e, entre eles é comum encontrarmos a presença de mulheres. Para elas, permanecer à margem da educação básica escolar, pressupõe limitações de práticas e competências que concorrem para uma participação também limitada enquanto cidadãs críticas e atuantes nas decisões políticas da sociedade em que vivem. O que dizem essas mulheres sobre sua condição? E qual a relação entre a aprendizagem da leitura e da escrita e sua presença no mundo, enquanto processo de participação na sociedade? E qual o significado do que, apesar de suas escritas precárias, no dia-a-dia das salas de aula, elas dão a ver, relatam, mostram-nos, modos como se relacionam com a linguagem escrita, imersos em

uma sociedade cercada de letras?

Um dos exemplos claros do poder da escrita feminina é Carolina de Jesus, uma mulher que, apesar de ter freqüentado a escola por apenas dois anos do ensino fundamental, tem como prática cotidiana a escrita de um diário, no qual relata o cotidiano da favela em que vive. Da mesma forma, as pesquisas a que nos referimos neste texto, cujas práticas buscamos em salas de aula de EJA, buscam ouvir as vozes de mulheres que não completaram os níveis regulares de escolarização formal, mulheres que, assim como Carolina de Jesus, escrevem sobre si, sobre suas condições, enquanto mulheres que trabalham, que estudam, que têm sonhos, desejos, frustrações, inquietações.

### **Mulheres que escrevem sobre si**

O que dizem sobre a condição da mulher, mulheres que escrevem? São práticas de escrita, também de leitura, que desafiam-nos para outros olhares e outras questões, especialmente quando se trata de mulheres com escolaridade incompleta.

A nosso ver, é altamente relevante que se dedique um esforço analítico e de busca de compreensão desses modos, desses mecanismos, a que recorrem esses sujeitos, alguns tidos como analfabetos, ou quase, na relação com os imperativos de uma sociedade de letras, como a nossa. Outros tantos entram nas estatísticas dos que não possuem certificados de conclusão do Ensino Fundamental. Faz-se necessário buscar compreender como esses sujeitos se relacionam com a leitura e com a escrita, inseridos nessa sociedade.

E como localizar e identificar essas práticas? Por onde começar? Quantos de nós se dedicaram a escrever em folhas soltas o que sentia e o que pensava como forma de expressar o que não era dito? Assim como há tantos depoimentos de adolescentes que escrevem, cheios de anseios e com uma vida toda a ser descoberta e desbravada, há um pensamento que enquanto pensa, faz a imaginação passear e, neste momento, escreve. São poesias escritas no “calor” dos instantes de imaginação, de angústia, de vida, so-

bretudo. Tal escrita, quase sempre movida por algum sentimento, bom ou ruim, de alegria, incômodo, tristeza, ou raiva enfim, algo que gera deslocamentos, física ou mentalmente, para registrar, em folhas soltas, palavras que, uma a uma, compõem um texto, uma poesia. Esta composição de palavras pode não fazer sentido, à primeira vista, a algum leitor menos desavisado, porém, para aquele/aquela que escreve, pode estar carregada de sentidos.

Ao longo de nosso trabalho educativo e de pesquisa, temos tido contato com obras escritas por mulheres. Algumas dessas foram publicadas. Desconhecemos quantas não o foram. São obras que descrevem tanto o seu sentimento como a sua condição de mulher. Algumas trazem marcas de preconceitos, que podem ser atribuídas, à inferioridade histórica que o gênero carrega. Esse é um tema, entre tantos outros que essas mulheres, escritoras, deixam registrados.

Desde as civilizações mais antigas e isoladas configura-se o homem como um ser superior à mulher e com o “poder” de exercer “direitos” sobre elas. Essa pode ser considerada uma relação de poder que se assemelha a uma lei. Para Michel de Certeau “sempre é verdade que a lei se escreve sobre os corpos” e que “todo poder, inclusive o do direito, se traça primeiramente em cima das costas de seus sujeitos. O saber faz o mesmo.”<sup>3</sup> Trata-se de, “por meio de instrumentos, conformar o corpo àquilo que lhe define um discurso social, tal é o movimento.”<sup>4</sup> Dessa forma, as mulheres ao longo da história, sempre “foram escritas” como seres inferiores, incapazes de tomar decisões, de comandar a própria vida, foram educadas para serem submissas, primeiramente aos pais, depois aos maridos, tendo “seus corpos submetidos a uma norma. Deste ponto de vista, até as roupas podem passar por instrumentos, graças aos quais uma lei social se assegura dos corpos e de seus membros, regula-os e os exerce por mudanças de moda como manobras militares.”<sup>5</sup>

Podemos localizar, na literatura, que a mulher, durante a trajetória histórica da sociedade, vem sofrendo preconceitos, nas diferentes culturas e, ainda hoje, na atual sociedade, é possível perceber for-

<sup>3</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Tradução Ephaim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 231.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 237.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 240.

mas de discriminação entre homens e mulheres. Porém, em alguns casos, a mulher escreve, e faz desse ato, um ato de poder, de forma que, ao escrever, ela passa a se fazer ouvir. E suas vozes, “se fazem ouvir, dentro dos sistemas escriturísticos onde reaparecem. Elas circulam, bailando e passando, no campo do outro.”<sup>6</sup>

Certeau aponta também a importância de valorizar a oralidade e os saberes de pessoas ordinárias, bem como “a incrível abundância inventiva das práticas cotidianas”<sup>7</sup>. E quantas mulheres se escrevem e se inventam cotidianamente, por meio da leitura e da escrita?

Jorge Larrosa, ao dizer da experiência, afirma “que o homem é palavra, que o homem é enquanto palavra, que todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver próprio desse vivente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra.”<sup>8</sup> Para o autor, “é experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma.”<sup>9</sup>

Tendo como referência esse conceito, e pensando a respeito dessas mulheres que, mesmo tendo uma escrita precária, se arriscam a registrar em folhas algo que as incomoda positiva ou negativamente, quanto não estariam se permitindo criar por meio da experiência da escrita? E para Carolina de Jesus, autora do livro *Quarto de despejo*, o que significa escrever?

Talvez o que mova essa escrita de forma tão intensa seja a experiência do seu cotidiano, que a toca e que passa e, não somente passa, mas atravessa o seu ser e a provoca de tal maneira, que a escrita se torna fonte de vida, denominada por Larrosa como “experiência” e por Foucault (2006) como “escrita de si”. Acreditamos poder denominá-la como invenção de si.

(...) Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes são brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É pre-

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 222.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 342.

<sup>8</sup> LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, jan./fev./mar./abr., 2002a. p. 21.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 26.

ciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. (...) As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários.<sup>10</sup>

Para Michel Foucault, “a escrita constitui uma experiência e uma espécie de pedra de toque: revelando os movimentos do pensamento, ela dissipa a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo”.<sup>11</sup> Desse modo, obras literárias como *Quarto de despejo* são, ao mesmo tempo, de registro histórico, pois encontramos nela aspectos que nos mostram a condição da mulher em um certo tempo, percebido por uma mulher; aspectos que também nos levam a indagar sobre a existência de outras práticas efetivas e disseminadas de escrita de mulheres, das quais não tomamos conhecimento; o que estão querendo dizer quando escrevem; o que leva essas mulheres a escrever; o que move esta escrita, enfim, o que revelam suas “escritas de si”. Tais indagações nos movem a buscar essas práticas de escrita e, nas palavras de Foucault, a “perceber no que escrevem, a filiação dos pensamentos que se gravaram em sua alma”.<sup>12</sup>

Portanto, abrindo espaço para que mulheres, presentes em salas de aula, que tiveram interrupções durante o processo de escolarização e com isso dificuldades no aprendizado da leitura e da escrita, possam dizer e escrever algumas de suas inquietações enquanto mulheres. Buscamos assim, abrir espaço para autobiografias que podem contribuir para uma maior compreensão dessas práticas como reveladoras de modos de ser, de viver e de existir.

### ***Quarto de despejo: escrita de uma mulher na literatura***

A obra *Quarto de Despejo* é um diário, escrito por uma mulher, que vivia em uma favela de São Paulo durante a década de 50, do século XX, e foi, posteriormente, publicado. A publicação do diário de Carolina aconteceu circunstancialmente quando um jornalista foi visitar a favela em que ela vivia para realizar uma reportagem e, durante essa ele a conheceu. Como Carolina tinha vontade de publicar seu diário, comentou sobre a existência dele com

<sup>10</sup> JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2001. p. 52.

<sup>11</sup> FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: \_\_\_\_\_. *Ditos e escritos: estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 145, v. V.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 153.

o repórter que, lendo, gostou e decidiu pedir às editoras que publicassem aquela obra. Nessa, uma mulher negra que vive na favela em condições precárias, sobrevivendo como catadora de lixo, mesmo enfrentando tantas dificuldades, escreve diariamente sobre a sua vida, relata sua condição de mulher, ao mesmo tempo, em que escreve sobre a condição de outras mulheres que estão próximas, ou não, a ela.

Chamam-nos a atenção dois aspectos: o primeiro é o fato de a obra ter sido escrita em folhas soltas, no decorrer de dias e dias, registrando situações de seu cotidiano e deixando transparecer certa condição feminina, sua e de outras mulheres à sua volta. O segundo aspecto diz respeito à produção desse farto material, por uma mulher “comum”, sem ter como objetivo determinado a publicação. Tais aspectos nos levam a indagar sobre a existência de outras práticas efetivas e disseminadas de escrita de mulheres, das quais não tomamos conhecimento; o que estão querendo dizer quando escrevem; o que leva essas mulheres a escrever; o que move esta escrita, enfim, o que revelam suas “escritas de si”. Na década de 1950, Carolina de Jesus, a quem podemos nos referir como uma dessas mulheres “do povo”, como citado acima, porque desvinculada das convenções sociais e econômicas por inúmeros motivos, na obra *Quarto de despejo* faz notar a diferença existente entre homens e mulheres: “(...) Eu disse que eu queria ser homem, porque assim eu podia quebrar e bater<sup>13</sup>.” Este trecho traz indícios que a sociedade permite ao homem realizar ações que não são permitidas às mulheres. Remete a questões de poder.

Esse poder ao qual nos referimos, não é no sentido real de “quebrar e bater” como citado acima, e sim de outras formas de poder, presentes na sociedade, exercidas pelos homens e que afetam as mulheres. Na vida de Carolina, a escrita tem um papel fundamental ainda a ser compreendido. Não seria essa escrita também um ato de poder? O que a levaria a afirmar que:

<sup>13</sup> JESUS, Carolina Maria de. *Op. cit.* p. 99.

O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturi-



dade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do traverseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para meu ideal.<sup>14</sup>

Assim como ela, quantas mulheres devem ter seus diários, registros, cadernos, anotações, sobre acontecimentos, situações de suas vidas, sobre suas condições? Quantas mulheres deve haver que escrevem, mas não se transformam em escritoras, pois seus escritos permanecem no anonimato e no fundo das gavetas? Quantos textos devem ter sido escritos, mesmo que o período do diário íntimo e da poesia da adolescência tenha passado? De fato, essas são perguntas que lançamos; mas a intenção de buscar compreender um pouco dessa escrita feita por mulheres, em textos literários, poderá sensibilizar para que se detecte outras histórias... de mulheres que escrevem.

Portanto, pretendemos buscar considerações acerca da condição feminina presente nos textos literários de mulheres escritoras, num primeiro momento, e com isso refletir o que levou estas pessoas a produzir textos que, de uma forma ou de outra, relatam a história de um gênero, da mulher e da sua condição. Para no segundo momento buscarmos essas práticas de escrita em textos de mulheres “populares” que não publicaram suas obras e nem pretendem fazê-lo.

Para além das relações de poder e dos lugares que têm sido destinados à mulher, ao longo da história, as leituras do material bibliográfico apresentado na escrita de mulheres e, em especial na obra *Quarto de despejo*, encontramos aportes que nos embasam, através da visão de mundo da autora, cenas da vida de tantas outras mulheres, que apesar de ter sido na década de 50, retrata muito bem a nossa realidade atual, na qual as mulheres enfrentam uma dupla jornada de trabalho, uma realizando uma atividade remunerada para manter o lar e outra para cuidar dos afazeres domésticos e da educação dos filhos; também sofrendo com casos de violência dentro e fora de casa e, de exploração no trabalho.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 44.

Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. (...).

(...) Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor.<sup>15</sup>

Escrever a história das mulheres não é somente resgatar fatos; é também uma mudança do lugar do qual se olha para a história, e de como se olha para a história, constituindo-se, portanto, na possibilidade de um enfrentamento ou posicionamento político.

Muitos daqueles que escrevem a história das mulheres consideram-se envolvidos em um esforço altamente político, para desafiar a autoridade dominante na profissão e na universidade e para mudar o modo como a história é escrita.<sup>16</sup>

A obra *Quarto de despejo*, diário pessoal de uma mulher que registrava cenas de sua vida com um olhar muito particular de “análise” das situações que vivia e do que via ao redor, porém com a simplicidade de alguém que escreve para si mesma, é a desencadeadora de discussões de outras mulheres que, meio século depois, assim como ela, tem sentimentos que provocam inquietações.

### **Mulheres em salas de aula de EJA e suas escritas de si**

Em 2003, numa sala de aula de jovens e adultos, encontravam-se dezesseis personagens reais. A educadora da sala<sup>17</sup>, que assumiu também o papel de pesquisadora do processo de aprendizagem dos sujeitos ali presentes, desenvolveu uma proposta que consistia em apresentar a eles obras de arte como material de leitura, a fim de instigá-los a ler as imagens e a si mesmos. Entre os educandos, encontravam-se algumas mulheres. Três delas chamaram a atenção, demonstrando algumas atitudes bastante peculiares: Aline, Raimunda e Giselda.

Num dos momentos iniciais do período em que trabalhamos com o grupo, foi proposto que cada um revelasse os motivos pelos quais não pôde frequen-

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 14.

<sup>16</sup> SCOTT, Joan. *História das Mulheres*. In: BURKE, P. (Org.). *A escrita da história*. Novas perspectivas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 66.

<sup>17</sup> Autor, 2005.

tar a escola. Ali, entre tantos depoimentos, surgem alguns que nos possibilitam desvendar realidades vividas por mulheres que não puderam frequentar a escola em idade regular:

— Na minha casa todo mundo sabe ler e escrever. Não continuei de preguiça mesmo (Luciana, 2005, informação verbal).

— Eu não estudei, meu pai não deixou. Filha mulher não podia estudar. (Marinete, 2005, informação verbal).

— Minha mãe também falava que não precisava ir na escola. Tinha que aprender fazer serviço. (Carmelinda, 2005, informação verbal).

— Só fui uns três meses na escola. Depois minha mãe me tirou da escola pra ir trabalhar. Eu morava na chácara. Minha irmã era professora, e minha mãe me tirou da escola pra olhar as crianças dela pra ela ir trabalhar. Eu tinha uns 10 anos, fazia comida, limpava a casa... E hoje ela tem tanta consideração comigo que hoje ela tem de tudo e nem olha na minha cara... (Aline, 2005, informação verbal).

Uma realidade relatada com um misto de tristeza e revolta. Depoimento que causou certa revolta também nos colegas:

— Como pode ela sendo professora não incentivar você a estudar? (Joaquim, 2005, informação verbal).

Aline, a personagem cuja vida parece ter sido mais sofrida dentre todas, apesar de sua pouca idade (26 anos) se coloca no momento de leitura de uma das imagens como aquela que se vê no fundo do quadro<sup>18</sup>, talvez uma forma de tomar consciência da pouca participação que exerce em sua própria vida. Essa reação é expressa também ao olhar para o espelho, em outra atividade realizada:

— Nossa! Aqui tem um bicho muito feio! (Aline, 2005, informação verbal).

Impedida de estudar pela mãe, que na infância a levou, não a escolher os próprios passos, mas a

<sup>18</sup> DEGAS, Edgar. Retrato de Giovannina Bellelli. *Gênios da Pintura*. São Paulo: Abril Cultural, 1969. v. 6.

anular a própria vontade, e seguir um destino imposto, de cuidar da casa e do sobrinho, enquanto a irmã seguia a profissão de professora, parece deixar nela uma mágoa profunda. Num outro momento, no qual o grupo encontra-se discutindo os medos, um dos colegas diz que tem medo de perder um amigo, ao que ela responde:

- Amigo? Nem nossa mãe é amiga...
- A mãe é a única amiga que a gente tem. (Raimunda, 2005, informação verbal)
- Se ela fosse nossa amiga, ela colocava a gente na escola (Aline, 2005, informação verbal).

Em atividade que remete à infância, também esse fato aparece:

- Não fala mais em infância que eu tenho trauma... Infância? Nem sei o que é isso... É que a minha infância foi muito triste (Aline, 2005, informação verbal).

Mas ela continua a falar sobre sua infância, também num momento em que ouvimos uma música que remete ao tema do trabalho. “— Essa música lembrou um pouco de quando eu era pequena. Eu não gosto de falar, mas só quando eu tinha 18 anos eu usei o meu primeiro sapato (Aline, 2005, informação verbal).” Aline, referindo-se ao verso da música *Cidadão*, em que se diz: “Criança de pé no chão aqui não pode estudar.”

Porém, aos poucos, ela vai aprendendo a ler, e alguns resultados positivos vão surgindo:

- Sabe, professora, de um tempo pra cá eu estou conhecendo mais as letras. Eu achei que nunca ia aprender...Eu mudei bastante de um tempo pra cá, eu vivia em depressão. [...] Antes a gente via uma placa assim, a gente nem ligava...Agora a gente fica tentando ler...É tão bom a gente aprender a ler. Você não tem mais vergonha, você não é mais uma pessoa tímida... [...] Eu estava tão desanimada esses dias. É que as minhas cunhadas me humilham muito, tiram sarro, falando que onde já se viu eu estudar depois de velha. Mas meu marido me incentiva, aí eu tento me animar

de novo. [...] Tem uma palavra que me dói muito que é *analfabeta*. O pessoal tirava sarro falando: “Oh! Sua analfabeta...” (Aline, 2005, informação verbal).

Essa questão aparece também no início, quando realizamos a leitura do Documento de Identidade, e vemos no documento da aluna, o carimbo em vermelho contendo a expressão: NÃO ALFABETIZADA. No momento, a personagem afirma:

— Quero fazer outra via. Agora eu já sei assinar meu nome (Aline, 2005, informação verbal).

Aline não apenas quer fazer outra via de seu documento, mas realmente o faz. Para surpresa de todos, ao final do semestre, ela conta com satisfação:

— Quando eu fiz o meu R.G. eu era analfabeta, eu não assinei. Lembra que quando a gente fez aquela lição com ele eu não tinha assinado? Faz um tempo eu perdi o meu R.G. e agora eu assinei. (Aline, 2005, informação verbal — entrevista)

— E como foi que você perdeu seu documento? — pesquisadora

— Acho que foi meio de propósito, porque doía ficar olhando aquele dedão no lugar da assinatura e aquele carimbo vermelho. Aí eu consegui fazer outro. O rapaz da delegacia até elogiou a minha assinatura. Quando eu falei pra ele que eu não tinha assinado o outro documento porque eu não sabia escrever, ele falou assim: “Nossa! Que assinatura bonita! Nem parece que você aprendeu assinar agora” (Aline, 2005, informação verbal).

É possível perceber a relação entre o conhecimento escolar e o conhecimento de si mesma. Conhecer as letras a ajuda também a conhecer a própria vida, e a agir de forma mais segura. Em outros momentos, Aline também se refere ao marido, que não a deixa ir à aula sozinha, sempre leva com ela um dos dois filhos, ainda crianças, que acabam por tornarem-se também alunos da sala. Ela diz que se os filhos não puderem ir, ela também não pode, e que ao voltar ele pergunta aos filhos coisas como com quem

ela conversou, como ela agiu na aula. Mas, com muita coragem, ela resiste, e vai à escola. Ao final, traz um desenho confeccionado pelo filho, com uma técnica de pintura que ele aprendeu. O desenho representa a escola, tendo ao lado um pouco do que representou a escola para ela.

— Quem escreveu foi o meu marido que, depois de muito tempo, está me apoiando na escola. Eu fui falando e ele escreveu pra mim. Eu fiz a escola, porque a escola mudou a minha vida (Aline, 2005, informação verbal).

A escola, o conhecimento adquirido, a auto-estima de poder ler as palavras, o mundo e a si mesma, a leva a mudar de atitude, a sair do fundo do quadro, e a levantar a cabeça:

— Agora eu me sinto menos humilhada. Posso enfrentar o mundo de cabeça erguida (Aline, 2005, informação verbal).

Outra personagem muito lutadora é Raimunda. Bastante participativa nas aulas, ela vai aos poucos nos contando seus sofrimentos, suas conquistas, seus sonhos. Vinda da Bahia para São Paulo há mais de 30 anos, ela conta um pouco do que já sofreu, porém, não de forma sofrida, mas com uma força muito grande, além de um bom humor que surpreende a quem ouve suas histórias:

— Eu saí de casa com 16 anos, fui trabalhar em casa de família. O patrão mudava e eu ia junto com eles. (Raimunda, 2005, informação verbal)

— Quando eu vim pra São Paulo, professora, eu trabalhei numa casa que tinha quatro cachorros no fundo da casa. E era lá onde eles ficavam que eu tinha que ficar. Eu não podia entrar na sala. Eu só podia ficar no fundo da casa, na cozinha e no quintal. Era horrível. E eles chamavam a empregada com um sininho, como se a gente fosse um cachorro também (Raimunda, 2005, informação verbal).

— Professora, você acredita que o meu pai me registrou com 16 anos e eu ainda tinha 10? Então no meu

registro eu tenho 6 anos a mais (Raimunda, 2005, informação verbal).

— E qual idade a senhora diz que tem? — pesquisadora  
— A do documento, que é a que vale... Fazer o que? — completando, em tom de brincadeira — É bom, assim a gente aposenta mais cedo (Raimunda, 2005, informação verbal).

Em meio ao processo de aprendizagem e desenvolvimento da leitura e da escrita, revela um de seus sonhos.

— Um sonho que eu tenho é conseguir pegar qualquer coisa e ler: receita, Bíblia, coisas de igreja que eu gosto (Raimunda, 2005, informação verbal).

Ao buscar uma forma de representar a vida, ela pede a um colega da sala que a desenhe:

— Faz pra mim o desenho de uma menina? Eu quando era criança: de trança, de saia e de pé no chão. Duas tranças assim... (Raimunda, 2005, informação verbal).

E escreve um pouco de sua história, na citação que ilustra o início deste texto.

Nossa terceira personagem é Giselda. No início muito quieta, tímida, com seus vinte e dois anos, não conhecia ainda as letras. Com o passar do tempo, começa a encher as folhas do caderno além das propostas em atividades desenvolvidas nas aulas, com tentativas de escrever palavras soltas, porém, carregadas de significado, nomes de pessoas que conhece, nomes de objetos que traz consigo, de sentimentos que a invadem no momento em que escreve. No início, as palavras aparecem inacabadas, representadas apenas por algumas letras, e aos poucos vão se tornando legíveis. Ao mesmo tempo em que escreve palavras, Giselda vai também, aos poucos, escrevendo a si mesma, e revelando as angústias que viveu:

— Com 14 anos eu fui morar com o meu ex-marido em Minas. Era na mesma cidade, mas era longe dos meus pais (Giselda, 2005, informação verbal).

— Eu fui há seis meses pra cuidar da separação (Giselda, 2005, informação verbal).

As atenções voltam-se para a história da aluna, que não carrega boas lembranças do lugar:

— Não quero nem lembrar de tão ruim que era. O meu primeiro vizinho era longe, e eu ficava sozinha com medo. Meu ex-marido saía e eu ficava sozinha. Ele não me deixava conversar com ninguém, de tanto ciúme que ele tinha. Eu fui morar com ele com 14 anos e com 16 eu casei. Meu pai queria que eu casasse, aí eu casei, mas nunca mais fui na casa dele, porque meu ex-marido não deixava. (Giselda, 2005, informação verbal)

— Nossa! Como você agüentou ter uma vida dessa, tão novinha? (Raimunda, 2005, informação verbal).

— Nem eu sei. Eu ficava sozinha de noite. Se aparecesse alguém lá, eu não tinha nem como gritar. Por isso que até hoje eu tenho medo de ficar sozinha (Giselda, 2005, informação verbal).

Giselda, porém, vence o medo e, numa atitude de coragem, se separa do marido, mudando de Minas Gerais para São Paulo, onde tenta recomeçar a vida.

— Outra coisa que eu lembro de vez em quando é daquele quadro da sombra que a gente viu no começo, lembro do quanto que eu sofri com o meu marido que não deixava conversar com ninguém. Agora eu levanto a cabeça e falo pra mim mesma que não tenho que aceitar humilhação de ninguém (Giselda, 2005, informação verbal).

E após um processo de escrita de palavras e de si mesma, revela:

— Trouxe um coração, porque depois de tudo o que já passei na vida, a minha vida melhorou muito. Agora a minha vida é cheia de amor e felicidade (Giselda, 2005, informação verbal).

Na realização da pesquisa que compôs o Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia<sup>19</sup>, encontramos Joana, participante do PEJA, uma mulher de 45 anos que pouco frequentou a escola por ter que trabalhar desde muito cedo, estudou até a quarta

<sup>19</sup> Autor, 2006.



série do anterior ensino primário. Quando ela tinha dez anos seus estudos se interromperam devido à necessidade de trabalhar, Joana começou a trabalhar na roça com a sua mãe, na colheita de algodão e laranja.

Na adolescência saiu da atividade rural para trabalhar como doméstica e, por volta dos 14 anos, voltou a estudar no período noturno, no supletivo, com o incentivo de uma mulher para quem trabalhava.

Casou-se duas vezes, atualmente é divorciada e mãe de dois filhos, um sendo biológico do primeiro casamento e o outro adotivo do segundo.

Joana não conseguiu terminar seus estudos, precisou interrompê-los durante os dois casamentos por causa dos maridos que não queriam que ela estudasse, como ela conta:

Nem estudar também, quando eu parei de estudar a primeira vez, eu fui casada duas vezes, e foi o próprio pai do meu filho, ele estudava a noite, eu estudava a noite com ele, e daí ele não quis mais que voltasse a estudar daí eu separei dele; o segundo a mesma coisa, ah você cuida do Gabriel que é meu filho adotivo (...) depois você volta a estudar que eu tenho que estudar que a Multibrás precisa (...) e aí eu acreditei nele, ele terminou os estudos dele e, quando chegou a minha vez quem disse que ele ficava com as crianças, além de outros problemas da bebida (Joana, 2006, informação verbal — entrevista).

Para os indivíduos que são alunos de EJA, inserir-se na sociedade letrada tendo conhecimento da língua escrita, mesmo que pouco e tardiamente, é muito importante para suas vidas, assim como aponta Joana:

(...) estudar gera conhecimento que abre as portas para gente se desenvolver como pessoa (...) e para gente também melhorar a vida da gente, a cultura, o trabalho, o viver na sociedade, saber distinguir certo do errado (Joana, 2006, informação verbal — entrevista).

Joana, uma mulher que apesar de não poder frequentar a escola na idade regular, assim como tan-

tas outras mulheres, sempre gostou muito de ler e escrever tomando para sua vida algumas práticas de leitura e escrita. “Principalmente em casa (...) a noite eu gosto muito de ler (...) ficava até de madrugada lendo, escrevendo alguma coisa” (Joana, 2006, informação verbal — entrevista).

Joana é uma mulher que escreve, assim como Carolina autora da obra *Quarto de despejo*, escritos que revelam algo de si, de outros indivíduos. Sua escrita, seus textos não possuem a mesma forma/tipo.

Eu gosto de escrever narrativa e também escrever poesia, crônica ou escrever alguma coisa sobre a vida de alguém (...) eu estava tentando escrever um livro (...) eu comecei esse livro com 14 anos, (...) um caderno (...) aí eu perdi esse caderno (Joana, 2006, informação verbal — entrevista).

Nos escritos ela diz de si mesma, da sua vida, de seus estados e mudanças: “(...) eu falo mais da minha vida pessoal (...) e do que eu acho que deveria mudar assim, na verdade, de como eu já mudei também (...) e como venho aprendendo.” (Joana, 2006, informação verbal — entrevista).

Quando era uma mulher casada, Joana, enfrentava dificuldades com o seu companheiro/marido, além de ser proibida de ir à escola, em um dos casamentos também lhe foi proibido a leitura, a escrita, e o trabalho. Não conseguindo ficar sem ler e escrever e tendo que permanecer em casa cuidando do filho e dos afazeres domésticos, encontrou maneiras de ler e escrever escondido, nos momentos nos quais seu marido estava fora.

(...) não deixava, ele tinha tanto ciúmes que eu não podia nem escrever nem ler livro nenhum, ele achava que eu ia evoluir e ele ... a pessoa alcoólatra se sente inferior a tudo e a todos (...) então não concordava de jeito nenhum (...) ler até a Bíblia escondido e com o outro também não era diferente, porque eu escrevia poemas para as minhas amigas alguma coisa e ele ficava com ciúmes, não podia (Joana, 2006, informação verbal — entrevista).

Para Joana, a escrita é muito importante para sua vida, tão fundamental que ela gostaria: “de estar vivendo num mundo que (...) pudesse ter tempo só para dedicar à escrita”. (Joana, 2006, informação verbal — entrevista).

As personagens acima, alunas de EJA, relataram suas condições de mulher, inseridas em momentos vividos, em sua maior parte, com bastante sofrimento, muitos deles as tendo impedido de freqüentar a escola em alguma fase de suas vidas.

Muitas vezes, ouvimos discursos que colocam a mulher em uma condição de submissão que existia somente no passado. Mas será que ainda nos dias de hoje as mulheres não são submissas, não sofrem repressão e não são consideradas diferentes dos homens?

O preconceito persiste, apesar das conquistas alcançadas por elas e, isso é notável na fala de Aline, que precisa levar um de seus filhos para poder freqüentar as aulas, pois o marido não permite sua ida sozinha. Diante desse relato, podemos refletir: Será que toda a trajetória de “inferioridade” da mulher ficou num passado distante?

Acreditamos não ser por acaso que o tema da mulher seja tão presente nas pesquisas atualmente. Consideramos importante registrar a existência de outras pesquisas que tratam do tema da mulher, entre elas ARAÚJO<sup>20</sup>, que dá a palavra às mulheres no momento em que procuram pela escolarização e que, inclusive, revelam o significado desse momento em suas vidas.

### **Algumas considerações**

Podemos refletir como, ao longo do tempo e da história, o homem se configura como um ser superior à mulher, e a mulher como o ser submisso, que deve se sujeitar a esse poder. O impedimento imposto a elas de freqüentar a escola configura essa submissão. A mulher não pode escrever, e por não poder escrever no papel, não pode também escrever a própria história. Nas palavras de Certeau, “o discurso normativo só “anda” se já se houver tornado um relato, um texto articulado em cima do real e falan-

<sup>20</sup> ARAÚJO, Renata Rodrigues de. *Sobre noções de constituição do sujeito: mulheres alfabetizadas têm a palavra*. Dissertação (Mestrado em Educação), UNESP – Rio Claro, SP: 2006.

do em seu nome, isto é, uma lei historiada e historicizada, narrada por corpos”<sup>21</sup>. Para Perrot, o fato de a história ser escrita por historiadores, portanto, homens, considerando a impossibilidade da mulher exercer esse papel, dadas suas condições, confirma esse poder.

O ‘ofício do historiador’ é um ofício de homens que escrevem a história no masculino. Econômica, a história ignora a mulher improdutiva. Social, ela privilegia as classes e negligencia os sexos. Cultural ou ‘mental’, ela fala do Homem em geral, tão assexuado quanto a Humanidade. Célebres — piedosas ou escandalosas — as mulheres alimentam as crônicas da ‘pequena’ história, meras coadjuvantes da História!<sup>22</sup>

Podemos perceber, pelo exemplo de mulheres diferentes, e com realidades tão semelhantes, a trama em que se encontra envolvida a mulher. Carolina, uma mulher que vive na favela e recolhe lixos para sobreviver. Aline, uma jovem que sofre humilhação por parte das cunhadas, sofrendo ao ouvir a palavra *analfabeta*. Também Raimunda, ao relatar a trajetória como empregada doméstica, admite ter que se sujeitar à humilhação dos patrões, suportando até mesmo ser chamada com um sininho, o que ela compara à convivência com os cachorros da casa. Giselda, ao contar como passou da tutela do pai para a do marido, e Joana que teve sua prática de escrita e sua ida à escola impedida revela como o discurso historicamente construído acontece na realidade.

Porém, a escrita, ou o ato de conhecer, acaba por se transformar num ato de poder, pois a partir do contato com a escrita, elas passam a comandar a própria vida, a “enfrentar o mundo de cabeça erguida”. A palavra é o instrumento de poder, como afirma Larrosa, ao dizer que

<sup>21</sup> CERTEAU, Michel de. *Op. cit.* p. 241.

<sup>22</sup> PERROT, Michele. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. p. 185.

<sup>23</sup> LARROSA, Jorge. *Op. cit.* p. 21.

quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos.<sup>23</sup>

Carolina de Jesus escreve, e nos momentos em que as coisas estão difíceis, se permite sonhar e inventar um mundo em que seus sonhos se realizam, assim como as mulheres da pesquisa. Aline, apesar da resistência do marido, vai à escola e enxerga nela, uma forma de transformar a própria vida, pois ali é o lugar onde ela encontra formas de aprender a ler o mundo e a escrever a si mesma, assim como Giselda, nas palavras que traz escritas no caderno, e Raimunda, ao escrever coisas como: “Depois de adulta eu tive conhecimento das coisas que eu não sabia e não entendia.”

Carolina de Jesus, Aline, Giselda, Joana e Raimunda, mulheres que escrevem, tanto na literatura quanto em salas de aula, são apenas alguns exemplos de personagens corajosas, que encontram na escrita de si uma experiência possível para criar, libertando-se de preconceitos e inferioridades e inventando-se a si mesmas; por que não dizer, lutando contra um discurso normativo arraigado e historicizado. Quantas delas não existem, espalhadas pelas casas, esquinas, estabelecimentos comerciais, salas de aula? Como afirma Certeau, “quanto nos falta ainda compreender dos inúmeros artificios dos ‘obscuros heróis’ do efêmero, andarilhos da cidade, moradores dos bairros, leitores e sonhadores, pessoas obscuras das cozinhas. Como tudo isso é admirável!”<sup>24</sup>

## Referências

ARAÚJO, Renata Rodrigues de. *Sobre noções de constituição do sujeito: mulheres alfabetizadas têm a palavra*. Dissertação (Mestrado em Educação), UNESP – Rio Claro, SP: 2006.

\_\_\_\_\_. *Leituras de mundo, saberes e modos de existência de educandos e educadores: contribuição para a invenção de modos de aprender e ler*. Dissertação (Mestrado em Educação), UNESP – Rio Claro, SP: 2005.

BURKE, Peter. (Org.). *A escrita da história*. Novas perspectivas. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1992.

<sup>24</sup> CERTEAU, Michel de. *Op. cit.* p. 342.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Tradução Ephaim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano 2. Morar. Cozinhar*. Tradução Ephaim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *A história cultural*. Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

DEGAS, Edgar. Retrato de Giovannina Bellelli. *Gênios da Pintura*. São Paulo: Abril Cultural, 1969. v. 6.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *Ditos e escritos: estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p.144-162, v. V.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2001.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: *Revista Brasileira de Educação*. Jan. fev. mar. abr. 2002a.

PERROT, Michele. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

SCOTT, Joan. *História das Mulheres*. In: BURKE, P. (Org.). *A escrita da história*. Novas perspectivas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 63 -95.